

A educação pelo subterrâneo: tanatografia e suicídio n' *A educação do estoico*

[Education through the underground:
Thanatology and suicide in *The Education of the Stoic*]

Augusto Rodrigues da Silva Junior*
Marcos Eustáquio de Paula Neto**

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Barão de Teive, *A educação do estoico*, Subterrâneo, Tanatografia.

Resumo

Nossa análise d' *A Educação do Estoico*, do fictício Barão de Teive [Fernando Pessoa], insere-se na crítica tanatográfica para explorar uma forma de “educação pelo subterrâneo”. Em diálogo com *A Educação Pela Noite*, de Antonio Candido, essa escrita suicidária opera como iniciação filosófica à morte e como estilização da finitude. O subterrâneo instiga a “saciedade do nada” do impulso suicida e mobiliza uma auto-informe-confissão por meio de uma maiêutica invertida. Argumentamos que o suicídio literário funciona como imagem limítrofe do “drama em gente” pessoano, elaborando um saber dialógico sobre a condição humana por meio da liberdade filosófico-literária.

Keywords

Fernando Pessoa, Baron of Teive, *The Education of the Stoic*, Underground, Thanatology.

Abstract

Our study examines *A Educação do Estoico*, attributed to the fictional author Barão de Teive [Fernando Pessoa], through the lens of thanatographic criticism to explore a form of “education through the underground.” This notion, in dialogue with Antonio Candido’s *A Educação Pela Noite*, emerges in suicidal writing as both a philosophical initiation into death and a stylistic engagement with finitude. The underground instigates a “saturation of nothingness” in the suicidal impulse and mobilizes a confessional self-inquiry through an inverted maieutic process. We argue that literary suicide functions as a liminal image of Pessoa’s drama em gente, shaping a dialogical understanding of the human condition through philosophical and literary freedom.

* Universidade de Brasília, Instituto e Letras, Departamento de Teoria Literária e Literatura, Programa de Pós-Graduação em literatura. Cátedra Agostinho da Silva.

** Universidade de Brasília, Instituto e Letras, Departamento de Teoria Literária e Literatura.

O presente artigo discute *A Educação do Estoico*, obra pessoana concebida em 1928 e atribuída por Fernando Pessoa ao fictício Barão de Teive, que, assim como Bernardo Soares, pode ser considerado um semi-heterônimo. A análise se insere no campo da crítica polifônica¹ e sua relação com uma poética socrática. Para isso, articulamos a teoria da tanatografia (SILVA JUNIOR, 2014) com a decomposição biográfica, examinando os efeitos da escrita que toma a morte como tema e motivação literária. Com base na teoria bakhtiniana, refletimos sobre a escrita de morte e sobre a expressão dos últimos momentos de existência de um homem – especificamente de um escritor, ao mesmo tempo criador e criatura na poética pessoana –, em contínua e responsável atualização tanatográfica.

A hipótese que orienta nossa leitura surge da identificação de uma certa educação pelo subterrâneo – expressão formulada em diálogo com o crítico brasileiro Antonio CANDIDO, n’*A Educação pela Noite* ([1970] 2017), e com o poeta João Cabral de Melo Neto, n’*A Educação pela Pedra* (1966) – pavimentada pela tanatografia do suicídio estilizada na obra pessoana. Trata-se, afinal, de uma *Paidéia* (no sentido de “formação”, conforme Werner JAEGER, em *Paidéia: A Formação do Homem Grego* [1933] 1995), articulada no cruzamento entre o exercício da escrita suicidária e a iniciação filosófica à morte. Em outras palavras, examinamos o ato de escrever, não apenas como construção linguística, mas também como objeto de reflexão por meio da autoconsciência narrativa (*self-conscious genre*), e o suicídio, não apenas como tema ou desfecho biográfico de um autor fictício, mas sobretudo como motivação literária para a configuração de um código do subterrâneo que se traduz no conjunto do “drama em gente” pessoano.²

No âmbito dos estudos bakhtinianos, o cruzamento tanatográfico indicado surge como uma estratégia fundamental na construção de uma prosa plena de alteridade, essencial para a autoconsciência de Álvaro Coelho de Athayde – nome oficial do barão suicida (cf. Pizarro e Ferrari, em PESSOA, 2013: 607). É por meio dessa experimentação – do ato de quem se mata estoicamente – que os autores (fingidor e fingido) testam, na matéria literária, a ampla liberdade filosófica possibilitada pela criação ficcional. A esse respeito, Mikhail Bakhtin já afirmava:

Além da nossa consciência criadora ou cocriadora, devemos sentir vivamente outra consciência, para a qual se volta o nosso ativismo criador como precisamente para o outro; sentir isso significa sentir a forma, seu poder salvador, seu peso axiológico – a beleza.

(BAKHTIN, 2006: 185)

¹ A crítica polifônica é uma expressão postulada por Augusto Silva Junior, a partir dos estudos de Mikhail Bakhtin sobre os gêneros literários; trata-se de uma nova metodologia dialógica para pensar os estudos literários.

² Cf. um texto de 1928, intitulado “Tábua bibliográfica”, onde se lê: “É um drama em gente, em vez de em actos” (Pessoa, em PITTELLA e PIZARRO, 2016: 178).

Considerando as múltiplas consciências de Fernando Pessoa – autor de figuras fictícias e ficcionais que buscavam suplantar o monologismo para edificar o “drama em gente” – é possível identificar, no dialogismo heteronímico, um esforço semelhante ao esboçado por Fiódor Dostoiévski, autor de *Notas do Subterrâneo* (1864). No palco da complexa dramaturgia pessoana, desenrola-se um diálogo heterodiscursivo, protagonizado por diversas personas fictícias que se desdobram em poéticas igualmente diversas.

A materialidade da presença (a expressão é de GUMBRECHT, 2010) é estilizada pelo autor fictício suicidário como forma de explorar a liberdade de palavra, de ideias e de filosofia. Neste ponto, articulamos o pensamento do filósofo alemão contemporâneo com a teoria dialógica acima exposta. Para Gumbrecht, importa uma atenção à “relação com o mundo fundada na presença” (2010: 15) como forma de se afastar do bombardeamento de abstrações teóricas que, muitas vezes, nos afastam cada vez mais do mundo material e concreto. Essa reflexão se assenta bem em uma análise de obra literária criada por um autor inventado.

A discussão mobilizada pelo filósofo se assenta bem em nossa compreensão porque, diante do problema da falta de materialidade nas discussões humanas, tópico instigado pela condição excepcional de autor fictício e suicida do Barão de Teive, ele propõe uma terceira via entre um olhar interpretativo (abstrato) e o impacto sensível das percepções provocadas pelo texto (de teor mais empírico). A teoria bakhtiniana empreende diálogo parecido quando se coloca entre o polo das práxis sociais miradas pela dialética e o esforço especulativo das ideias e das palavras, sem cair nos extremos do empirismo radical e do racionalismo generalizante.

Fernando Pessoa comporta a articulação proposta acima (entre Gumbrecht e Bakhtin) por explorar e experienciar, por meio da tanatografia, vozes e ideias que circulam em uma lúdica estrutura heteronímica. O autor de carne e osso performa isonomia com os autores de papel e ideias para ampliar as possibilidades nas relações humanas desenhadas pelo “drama em gente”. Podemos sintetizar esse amplo fenômeno destacando, desde os heterônimos: Alberto Caeiro, mestre que morre prematuramente; Ricardo Reis, cuja morte é datada de 1936 em *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), de José Saramago; Álvaro de Campos, fundador de uma geopoética urbana dentro da poética pessoana; até figuras como Bernardo Soares, marcado pela categoria ambígua de “semi-heterônimo”³; e, por fim, a aparição abrupta do Barão de Teive. O jocoso diálogo entre os mortos de autores inventados, que gera um desconcertante emaranhado quando inserido na crítica literária e no mercado editorial, insere-se em uma tradição autoconsciente vinculada ao campo sério-cômico da literatura, conforme o mapeamento de Bakhtin.

³ Cf. “É um semi-heterônimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela” (PESSOA, 2013: 560).

Pessoa experimenta e estiliza cada poética por meio de composições e decomposições biográficas, ampliando, pela experimentação isonômica e isegórica de ideias – que competem livremente no campo do fingimento criativo pessoano –, tanto a beleza quanto a dor de criar seres concebidos para escrever.

Localizamos repercussões decisivas dessas peculiaridades na obra central deste debate, *A Educação do Estoico*. Nossa análise investiga as relações entre a prática da escrita, a reflexão sobre a morte e a arte de morrer. Considerando o direcionamento “tanático” que motiva toda a escrita, a autoconsciência de Teive vincula-se a uma educação pelo subterrâneo, que não se coloca a serviço de uma “materialização positiva da verdade, mas à busca, à provocação e principalmente à experimentação dessa verdade” (BAKHTIN, 2018: 130).

Assim, o suicida do subterrâneo inscreve-se em uma longa linhagem tanatográfica, marcada por fenômenos ctônicos como: as catábases épicas, definidas por Eudoro de Sousa como “viagens aos infernos” (SOUSA, 2013), no campo sério da literatura antiga; os diálogos socráticos e luciânicos, analisados por BAKHTIN (2018) como veículos de uma “cosmovisão carnavalesca”; a irrupção carnavalizada do baixo material no século XVI (BAKHTIN, 2010), estudada por meio da pentalogia romanesca de François Rabelais; o experimentalismo prosaico de Laurence Sterne, de Xavier de Maistre e de Almeida Garrett, entre os séculos XVIII e XIX; até a consolidação da polifonia romanesca na segunda metade do século XIX e início do XX, em que os nomes mais significativos no âmbito da escrita subterrânea seriam Fiódor Dostoiévski e Machado de Assis.

Tal tradição é revisitada pela ótica bakhtiniana para interpretarmos a produção do poeta português. Assim, nota-se que o autor lança mão de uma autoinforme-confissão, conceito que remete àquilo “que eu mesmo posso dizer de mim mesmo” (BAKHTIN, 2011a: 130), para se consumir como suicida e se unir a outros personagens do subterrâneo, representativos do campo sério-cômico, como Hamlet, Dom Quixote, Ivan Ivanovitch, Brás Cubas e o filósofo machadiano Quincas Borba. Em consonância com Sandra Moraes Lima, a confissão do autor ficcional configura-se como um “gesto testemunhal” e resulta em uma auto-objetivação, na qual “o outro é excluído com sua abordagem particular e só a relação pura do seu consigo mesmo é princípio organizador da enunciação” (LIMA, 2019: 97).

Por meio desses artifícios, o subterrâneo literário é eleito como *lócus* ficcional de uma escrita pensante, conduzida pela “saciedade do nada” (PESSOA [TEIVE], 2007: 38)⁴ do impulso suicida que reivindica a autoria até os últimos passos da existência – em diálogo com *O Último Dia de um Condenado* (1829), de Victor Hugo. Considerando que “o autoinforme-confissão por princípio não pode ser concluído por não haver para ele elementos transgredientes que lhe deem acabamento” (BAKHTIN, 2011a:

⁴ Primeira publicação, *Pessoa por Conhecer* (LOPES, 1990: II, 246).

131), o Barão estiliza o fingimento de solitário e emerge como “imagem de autor fictício proscrito, uma espécie de desejo de ser um homem do subsolo – que se consuma com o ato livre de se suicidar enquanto escreve” (SILVA JUNIOR, 2018: 148). Sem perder de vista o constructo de Gumbrecht, trata-se de um autor que finge estar no subterrâneo (a ausência) para produzir uma escrita subterrânea – catabática e reveladora da condição humana (em presença).

Filipa Freitas contribui para essa reflexão ao apontar que “o conhecimento da vacuidade dos esforços e da vaidade dos propósitos é uma das conclusões do Barão acerca da existência e revela a acuidade do seu ponto de vista ou a grande lucidez que o caracteriza” (FREITAS, 2015: 216). Sendo assim, se há um desfecho conclusivo n’*A Educação do Estoico*, ele nos conduz a uma irresolúvel vacuidade. Não por acaso, a imagem da autoextinção emerge como motivação fundamental das reflexões que atravessam todo o manuscrito do Barão de Teive – “o que me levará ao suicídio é um impulso” (PESSOA [TEIVE], 2001: 17; 2007: 38).

Ainda em diálogo com a genealogia literária previamente delineada, que vai dos diálogos socráticos à consolidação da polifonia prosaica, identificamos na escrita do Barão uma “maiêutica invertida” (SILVA JUNIOR, 2018, p. 145), ou seja, um diálogo que não se orienta para uma verdade platonista e utópica, mas para a verdade inacabada e dispersiva do subterrâneo literário. Essa imagem remete ao inacabamento prosaico da existência humana, que impulsiona o exercício filosófico-literário.

N’*A Educação do Estoico*, morrer revela-se como um ato contínuo e inacabado. Considerando uma das máximas da perspectiva bakhtiniana, na qual nos apoiamos – “ninguém disse a última palavra” (BAKHTIN, 2002) –, essa peculiaridade explicita a qualidade dialógica do texto, manifestada no “moto-contínuo” (CANDIDO, 2012: 531) do morrer na obra do Barão. Nesse ensinamento de “escrita de morte”, identifica-se também a influência estoico-socrática, evidenciada pela presença de Sêneca, cuja filosofia se opõe a toda preocupação “que nos faz perder o presente por medo do futuro” (SÊNECA, 2002: 93).

Na livre discursividade de “quem sabe que morre” (ASSIS, 2019: 390) – à maneira de Machado de Assis e seu filósofo Quincas Borba –, e nas passagens diárias de pessoas pelas vidas de Pessoa, apreendidas por sua poética, identificamos um fenômeno originalmente captado pela escrita tanatográfica. O autor fictício alia-se às outras “pessoas” de Pessoa na construção desse inacabamento como prática vital, dentro do campo criativo de uma poética que se interessa pelo subterrâneo literário. Com essa expressão, inspirada na literatura de Fiódor Dostoiévski e na camada estoica desse “Barão”, indicamos uma experimentação da finitude como origem da “liberdade de espírito e de palavra” (BAKHTIN, 2010: 79).

Nesse ponto, situamos essa liberdade, própria da arquitetônica da vida criada, como um pilar definitivo da vasta tradição das literaturas autoconscientes – que sempre envolvem elementos tanatográficos. Ainda com Bakhtin, encontramos o início dessa tradição em Luciano de Samósata e seus diálogos dos mortos, que operam

como uma estilização radical da alteridade, incitando reflexões autoconscientes sobre o mundo e a sociedade. No contexto da prosificação do mundo, com a ascensão do romance seiscentista e setecentista, temos a carnavalização de *Gargântua e Pantagruel* (1532-1564), de François Rabelais, como uma experimentação literário-filosófica do “mundo às avessas” (BAKHTIN, 2010: 325).

Miguel de Cervantes, na Espanha, protagoniza a mesma ascensão prosaica que Rabelais realizara na França do século XVI. Conforme Milan Kundera (2016), quando Dom Quixote sai de casa, na abertura do romance cervantino, a realidade alinhada ao ego cartesiano de um mundo unívoco e racional se desfaz, dando lugar às múltiplas possibilidades de compreensão alimentadas pelo ego imaginário quixotesco. Laurence Sterne, n’*A vida e as opiniões do jovem Tristram Shandy* (1759-1769), alia-se a essa genealogia sério-cômica para ampliar os efeitos da experimentação prosaica autoconsciente. No Brasil, o Brás Cubas de Machado de Assis retorna para cunhar memórias tanatográficas que se pensam enquanto se escrevem.

A Educação do Estoico encontra raízes em tais produções na medida em que transforma o suicídio em discurso, transmutando-o em autoconsciência. É nesse sentido que associamos a composição pessoana a uma tradição sustentada na linhagem da cosmovisão fragmentada e inacabada.

Uma “poética socrática” (MEDEIROS, 2017) se pavimenta como um constructo dialógico por meio do qual se explora uma insolúvel não-síntese do mundo. Conforme o estudioso português José GIL (2013), Pessoa, neste drama, tece uma escrita fingidora para experimentar toda uma variedade de autoria e de escrita, de poética e de estética. Há aqueles que são mortos por Pessoa; há aqueles que são vividos e mortos por outros autores (como Ricardo Reis, retomado por José Saramago); e há aqueles que projetam, na escrita, seu próprio fim.

Alicerçado a esse desejo, o Barão de Teive busca seu próprio acabamento em uma composição suicidária. O autor teria grifado a esse respeito: “Estas páginas não são a minha confissão, senão a minha definição” (PESSOA [TEIVE], 2017: 23). Essa configuração se justifica pela alteração no subtítulo do livro, cuja versão inicial seria *O último manuscrito do Barão de Teive*, posteriormente modificada para *O único manuscrito do Barão de Teive* (conforme exposto por Richard Zenith no prefácio d’*A Educação do Estóico*; PESSOA [TEIVE], 2001: 11).

Nesse esforço, o Barão de Teive e sua *Educação do Estoico* somam-se ao vasto labirinto pessoano, que se sintetiza na sentença: “eu sou uma antologia” (PESSOA, 2013).

Embevecido pelo desejo de uma definição arrolada à roda de si mesmo (para ficarmos com a expressão da literatura subterrânea de Xavier de Maistre), a infância do Barão de Teive é recobrada como o espaço-tempo fulcral de sua existência, lapidado em seu esforço de decomposição biográfica na compreensão de seu projeto estético-filosófico:

O abstrato foi sempre para mim mais impressionante que o concreto. Recordo-me de que, em criança, não tinha medo de ninguém, nem de bichos □; mas tinha, sim, medo de quartos escuros... Recordo-me de que essa singularidade aparente desorientava a psicologia simples de que me rodeava.

(PESSOA [TEIVE], 2001: 37; 2017: 29)

A revisitação a esse núcleo duro da existência – o *locus infantus* –, marcado pelo medo de quartos escuros e pela interação com o prosaísmo onírico e a ambiência noturna do desassossego, estende-se ao inacabamento prosaico de Vicente Guedes e Bernardo Soares. Esse percurso ilumina sua busca insolúvel pelo autodomínio de uma “psicologia” que o “rodeava”. Trata-se de um empenho basilar para aquele que se vê sob “o influxo da hereditariedade e da educação infantil” (PESSOA [TEIVE], 2001: 21), na construção de sua identidade estoica

Essa busca se realiza por meio da prática mortuária da tanatografia, que se revela como força motriz do ato filosófico e, extensivamente, da prática confessional. Nesse ato cínico (na acepção formulada por Luciano de Samósata e desenvolvida no pensamento de Peter Sloterdijk e Mikhail Bakhtin), o gesto de tirar a própria vida se condiciona à palavra estoicamente aberta. Aqui, a morte significa uma experimentação plena e radical de uma outridade abissal. Nesse conúbio, o Barão de Teive orquestra uma nova teoria tanatográfica vinculada ao suicídio: “Sinto próximo, porque eu mesmo o quero⁵ próximo, o fim da minha vida” (PESSOA [TEIVE], 2006: 18; 2007: 23).

A experimentação prosaística da escrita suicidária, desse modo, beneficia-se da autoconsciência ligada à pedagogia pela morte. O caráter excepcional da situação limítrofe, na qual o autor se pensa e se compreende, configura-se como instrumento da busca pelo “excedente de visão” (BAKHTIN, 2003), um volteio do ser sobre si próprio, em exercício de alteridade. Ainda no rememorar e demorar-se sobre a infância, o amor materno do autor é retomado como ferramenta para a construção de uma definição única de si mesmo: “o amor dela⁶, que nunca me fora claro enquanto viva, tornou-se nítido quando a perdi” (PESSOA [TEIVE], 2001: 27; 2007: 78). É nesse sentido que seu esforço tanatográfico perdura, pois se trata de um ato e um fato de resolver a morte “de fora”, “por simples meio de si mesma” (2001: 34; 2007: 33):

Nos dois dias passados ocupei o meu tempo em queimar, um a um – e tardou dois dias, porque às vezes⁷ reli – os meus manuscritos todos, as notas para os meus pensamentos defuntos, os apontamentos, às vezes trechos já completos, para as obras que nunca escreveria. Fiz sem hesitar⁸, porém com magoa lenta, esse sacrifício pelo qual me quis despedir, como

⁵ Variante: “faço”. Alguns manuscritos, aqueles pertencentes ao caderno 144Q, podem ser consultados em <https://purl.pt/1000/1/cadernos/index.html> (cf., neste caso, 144Q-25^v).

⁶ No manuscrito: “O amor d’ella (mãe)” (cf. 144Q-32^r).

⁷ Variante: “a muitos” (cf. imagem).

⁸ Variante: “com decisão rápida” (cf. imagem).

num queimar de ponte, da margem da vida de que me vou afastar. Estou agora liberto e decidido. Matar-me; vou agora matar-me.

(PESSOA [TEIVE], 2001: 18; 2007: 23)

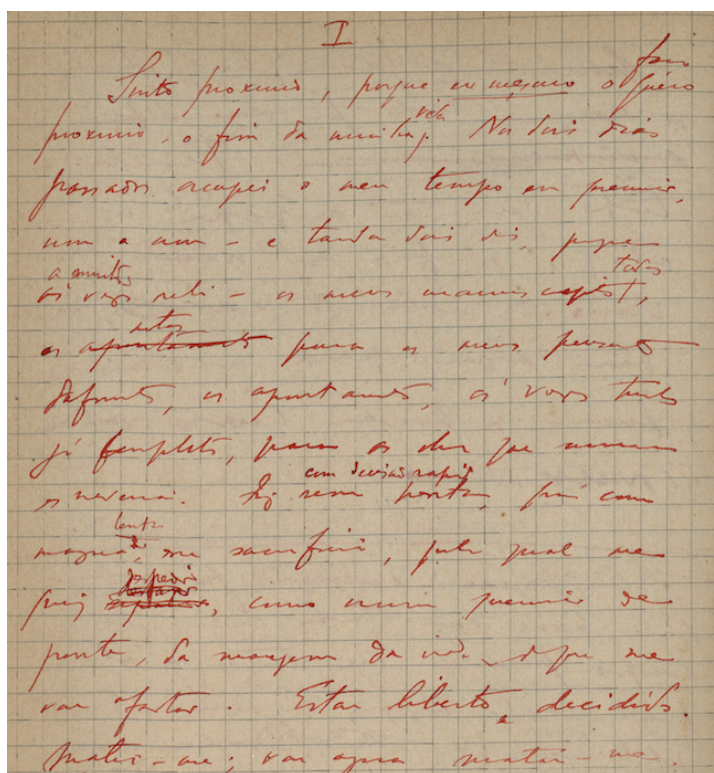


Fig. 1. Início de um trecho d'A Educação do Estoico
(BNP/E3, 144Q-25v; pormenor).

A dispersão dos papéis, nos quais ele confinava suas confissões, consumidos pelo fogo, evidencia a íntima articulação tanatográfica e desassossegada entre uma escrita que pensa a morte e uma morte que se pensa escrevendo. Pode-se interpretá-la como uma iniciação à “hora da morte” (ARIÈS, 2000), descrita pelo fidalgo: “quis [se] despedir, como num queimar de ponte, da margem da vida” (PESSOA [TEIVE], 2001: 18; 2007: 23). É por meio desse empreendimento liminar que se experimenta a alteridade plena de liberdade, que vai desse eu a uma outridade sempre aberta.

De certa forma, reside aí a radical liberdade e a conformação do autor. Isso explica o sentimento de liberdade e a satisfação alcançada pelo autor, que diria, mais tarde, não se arrepender “de ter queimado o esboço todo das minhas obras. Não tenho mais a legar ao mundo que isto’ (PESSOA [TEIVE], 2001: 32; 2017: 44; cf. SILVA JUNIOR e MEDEIROS, 2019: 59). A hesitação do Barão de Teive para converter os papéis em cinzas, assim como sua demora hamletiana para cometer o suicídio, são movimentos que estruturam a representação desse último capítulo de sua decomposição biográfica e subterrânea: “o tempo do texto dura o tempo mesmo de tirar a própria vida” (SILVA JUNIOR, 2018: 135).

Trata-se de uma ação de escrita desenvolvida em “moto-contínuo”, pois não se trata de um fato episódico, mas de uma situação que motiva um princípio de composição. Não consiste apenas em um acontecimento único e derradeiro, mas em um artifício condutor de toda a escrita, um motor da composição tanatográfica, que se espraia pela obra como *modus operandi* de uma experimentação filosófica suicidária, repercutindo em confissões como “uma compulsão alheia” (PESSOA [TEIVE], 2001: 34; 2007: 33).

A autoconsciência se edifica na prosa por meio da experimentação liminar do impulso de morte, que se inspira nesse outro e incita a ação suicida do autor como estratégia de construção de sua própria estrutura. Seja n’ *A Educação pela Noite*, de Antonio Candido, seja n’ *A Educação pela Pedra*, de João Cabral de Melo Neto, ou na educação pelo estoicismo, do Barão de Teive, busca-se, no empreendimento filosófico, uma consolidação única e derradeira, o último capítulo da autobiografia deixada pelo fidalgo:

[...] quero deixar, ao menos, com a precisão com que puder fazê-la, uma memória intelectual da minha vida, um quadro interior do que fui. Desejo, já que não pude deixar de mim uma sucessão de belas mentiras, deixar o pouco de verdade que a mentira de tudo nos concede supor que podemos dizer.⁹

(PESSOA [TEIVE], 2001: 18; 2007: 23)

Meticulosamente embasada em uma tanatografia e em uma “poética socrática” (MEDEIROS, 2017), firma-se uma maiêutica estoica às avessas, na qual se expõe o insolúvel problema da poética do Barão pessoano: tecer filosofia sobre o ato de escrever e de tirar a própria vida para existir – no papel e na ação viva e discursiva. Desse modo, o Barão de Teive ensina que a tanatografia, ligada à tradição socrático-estoica dos diálogos antigos, sempre escreve com o outro para com ele aprender a viver no subterrâneo.

Entre o mestre Caeiro, que precisou “ser matado” por Pessoa prematuramente, e o impasse autoral com Bernardo Soares, que levou ao epíteto de semi-heterônimo (colocando o ortônimo na inusitada posição de “semi-ortônimo”), está essa educação de um estoico.

Na partida, “numa espécie de vacuidade mortal em que a dor se assenta” e em um “vácuo próprio da consciência do mundo”, o Barão pensa e sente sua relação com o ato de morrer. Na morte – como modo de levar consigo aquilo que levamos de outros –, aprender a morrer é sempre alteridade conformada a uma biografia em decomposição: dedicada à livre experimentação do subterrâneo literário e do inacabamento tanatográfico como resposta possível para a vida, pensada na hora da morte.

⁹ Variantes: “suppor [↑ que supponhamos] que podemos [↑ poder] dizer” (cf. 144Q-26’).

Post-scriptum

Cabe, ainda, à guisa de desfecho, importante esclarecimento extraído de artigo de Alexandre Dias Pinto. Em nosso texto, tratamos de uma “maiêutica estoica às avessas” para interagir, também, com notável problema histórico: a impossibilidade de transplantar, indiscriminadamente, uma filosofia antiga à modernidade sem considerar as marcas sócio-históricas e filosóficas do novo século. Tal questão “acaba por revelar o fracasso de um projeto pessoal” (PINTO, 2025: 11) do Barão de Teive, situado em um contexto histórico que inviabiliza a integral permanência estoica no mundo. Assim, a ideia, por nós desenvolvida, de que *A Educação do Estoico* se trata de composição tanatográfica interagiu justamente com a cisão entre projeto e prática; entre a escrita efetivada e a morte estoica performada, definitiva para o inacabamento prosaico suicidário do autor pessoano.

Bibliografia

- ARIÈS, Philippe (2000). *O homem perante a morte*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- ASSIS, Machado de (2019). *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Ilustrado por Candido Portinari. Rio de Janeiro: Antofágica.
- BAKHTIN, Mikhail (2011a). *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. 4.^a ed.
- _____. (2011b). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- _____. (2010). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. O contexto de François Rabelais. Trad. Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec.
- CANDIDO, Antonio (2017). *A Educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. 6^a ed.
- _____. (2012). “Manuel Antônio de Almeida: o romance em moto-contínuo”. *Formação da literatura brasileira – momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. 13.^a ed.
- FREITAS, Filipa (2015). “Fernando Pessoa e o Barão de Teive: fragmentos de uma tragédia”. *Ricognizioni: Rivista di lingue, letterature e culture moderne*, vol. 2, n.º 3, pp. 215–223. <https://doi.org/10.13135/2384-8987/914>
- GIL, José 1987 (2013). *Cansaço, tédio, desassossego*. Lisboa: Relógio d'Água.
- KUNDERA, Milan (2016). *A arte do romance*. Tradução Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras.
- LIMA, Sandra Mara Moraes (2019). “O relato de Riobaldo como um auto-informe confissão”. *Contexto*, Revista semestral do programa de Pós-Graduação em Letras da UFES, n.º 36 [Literatura e Testemunho], pp. 97-110.
- LOPES, Teresa Rita (1990). *Pessoa por conhecer*. I. Roteiro para uma exposição; II. Textos para um novo mapa. Lisboa: Estampa. 2 tomos.
- JAEGER, Werner (1995). *Paidéia: A formação do homem grego*. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes.
- MEDEIROS, Ana Clara Magalhães de (2017). *Poética socrática, tanatografia e a invenção do desassossego*. Tese (Doutorado em Literatura). Brasília: Instituto de Letras / Universidade de Brasília. <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/31676>
- PESSOA, Fernando (2013). *Eu sou uma antologia: 136 autores fictícios*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-china.
- _____. (2007). *A educação do stoico*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____. (2001). *A educação do estoico: o único manuscrito do Barão de Teive*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim.
- PINTO, Alexandre Dias (2025). “O Barão de Teive: o estoico que não o era”. *Letras*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, vol. 33, n.º 69, abril, pp. 1-12. <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/88064/66463>
- PITTELLA, Carlos; PIZARRO, Jerónimo (2016). *Como Fernando Pessoa pode mudar a sua vida*. Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil.
- SÊNECA (2002). *As relações humanas: a amizade, os livros, a filosofia, o sábio e a atitude perante a morte*. Tradução de Renata Maria Parreira Cordeiro. São Paulo: Landy.
- SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues da (2018). “Tanatografia em Pessoa: ensaio sobre o suicídio heteronímico de Teive”. *Em Pessoa: estudos sobre a poesia e a prosa de Fernando Pessoa*. Sandra Ferreira e Edvaldo Bergamo (orgs.). Brasília: Editora Universidade de Brasília, pp. 135-157.
- _____. (2014). “Tanatografia e morte literária: decomposições biográficas e reconstruções dialógicas”. *ComCiência*, n.º 163, Campinas, [em linha].

- _____. (2008). *Morte e decomposição biográfica em Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Tese (Doutorado em literatura Comparada). Niterói: Instituto de Letras / Universidade Federal Fluminense. <https://app.uff.br/riuff/handle/1/17929>
- SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues da; MEDEIROS, Ana Clara Magalhães de (2019). “Quando um heterônimo se suicida: Tanatografia e alteridade na *Educação do estoico*, do Barão de Teive”. *Revista Criação & Crítica*, n.º 23 [Morrer pelas próprias mãos: Literatura e suicídio], abril, pp. 47-64. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0i23p47-64>
- SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues da; NETO, Marcos Eustáquio de Paula (2021). “Catábase e tanatografia em Dostoiévski: o subterrâneo na decomposição biográfica da prosa de deformação”. *Revista de Estudos de Cultura*, vol. 7, n.º 18 [O mundo dos mortos e suas representações], pp. 157–172. <https://doi.org/10.32748/revec.v7i18.15991>
- SOUSA, Eudoro de (2013). *Catábase: estudos sobre viagens aos infernos na Antiguidade*. Edição de Marcus Mota e Gabriele Cornelli. São Paulo: Annablume Clássica.

AUGUSTO RODRIGUES DA SILVA JUNIOR é Professor Associado III de Literatura Brasileira na Universidade de Brasília. Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Literatura (POSLIT/UnB) e no Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas (PPGLA/UEA). Realizou pós-doutorado em Literatura no Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP, 2021) e realizou Estágio Pós-Doutoral (Bolsista CAPES, 2014–2015) na Universidade do Minho. Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (2008). Possui Mestrado e Graduação em Literatura pela Universidade Federal de Goiás (UFG, 1996–2002). Publicou os seguintes livros de poesia: *Niemar* (Goiânia: Vieira, 2008); *Onde as ruas não têm nome* (Brasília: Thesaurus, 2010 – Prêmio F. M. Vianna); *Do livro de Carne* (Brasília: Thesaurus, 2011); *Centésima Página* (Lisboa, 2015); e *Poemas da rua do fogo* (Brasília: Avá, 2019). Publicou também obras infanto-juvenis, entre elas: *Joãozinho e o pé-de-pequi* (Brasília: Tagore Editora, 2017) e *Era uma vez uma vez outra vez* (Goiânia: RF Editora, 2018). Desenvolve pesquisas nas áreas de Literatura Comparada, Literatura e Outras Artes e no campo da Crítica Polifônica, incluindo Tanatografia, Geopoesia e a Teoria do Desassossego.

AUGUSTO RODRIGUES DA SILVA JUNIOR is an Associate Professor III of Brazilian Literature at the University of Brasília. He is a permanent faculty member in the Graduate Program in Literature (POSLIT/UnB) and the Graduate Program in Letters and Arts at the State University of Amazonas (PPGLA/UEA). He completed a postdoctoral fellowship in Literature in the Graduate Program in German Language and Literature at the University of São Paulo (FFLCH/USP, 2021) and undertook a Postdoctoral Research Internship (CAPES Fellow, 2014–2015) at the University of Minho. He holds a PhD in Comparative Literature from the Fluminense Federal University (2008) and earned his Master's and Bachelor's degrees in Literature from the Federal University of Goiás (UFG, 1996–2002). He has published the following poetry books: *Niemar* (Goiânia: Vieira, 2008); *Onde as ruas não têm nome* (Brasília: Thesaurus, 2010 – F. M. Vianna Award); *Do livro de Carne* (Brasília: Thesaurus, 2011); *Centésima Página* (Lisbon, 2015); and *Poemas da rua do fogo* (Brasília: Avá, 2019). He has also published children's and young adult books, including *Joãozinho e o pé-de-pequi* (Brasília: Tagore Editora, 2017) and *Era uma vez uma vez outra vez* (Goiânia: RF Editora, 2018). His research interests lie in Comparative Literature, Literature and Other Arts, and the field of Polyphonic Criticism, including Tanatography, Geopoetics, and the Theory of Disquiet.

MARCOS EUSTÁQUIO DE PAULA NETO é doutorando em Literatura e Práticas Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília, desenvolvendo uma tese comparativa sobre José J. Veiga e José Saramago. Mestre em Literatura (2021) pelo POSLIT/UnB e graduado em Letras - Português pela mesma instituição (2018). Atua como professor substituto de Língua Portuguesa no Instituto Federal de Brasília (Campus Brasília). Integra o grupo de pesquisa Crítica Polifônica: teoria brasileira da literatura (UnB/DPG-CNPq). Foi professor no Instituto Federal de Goiás – Campus Águas Lindas, na Escola Técnica de Ceilândia e no Departamento de Teoria Literária e Literatura da Universidade de Brasília.

MARCOS EUSTÁQUIO DE PAULA NETO is a PhD candidate in Literature and Social Practices at the Graduate Program in Literature of the University of Brasília, developing a comparative dissertation on José J. Veiga and José Saramago. Holds a Master's degree in Literature (2021) from POSLIT/UnB and a Bachelor's degree in Portuguese Language and Literature from the same institution (2018). Currently works as a substitute professor of Portuguese Language at the Federal Institute of Brasília (Brasília Campus). He is a member of the research group Polyphonic Criticism: Brazilian Theory of Literature (UnB/DPG-CNPq). Previously, he taught at the Federal Institute of Goiás – Águas Lindas Campus, at the Technical School of Ceilândia, and in the Department of Literary Theory and Literature at the University of Brasília.